

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO MEGALÍTICO DO LOUSAL (GRÂNDOLA)

Nuno Inácio / Departamento de Prehistoria, Universidade de Huelva / nuno.inacio@dhis1.uhu.es

Margarida Oliveira / Centro Ciência Viva do Lousal / moliveira@lousal.cienciaviva.pt

Tânia Ferreira / Centro Ciência Viva do Lousal / tferreira@lousal.cienciaviva.pt

Lara Alegre / Centro Ciência Viva do Lousal / lalegre@lousal.cienciaviva.pt

## RESUMO

A antiga aldeia do Lousal, localizada em plena Faixa Piritosa Ibérica, guarda um vasto conjunto patrimonial associado aos trabalhos mineiros que aí se desenvolveram durante o século XX. Na região, são conhecidos cerca de duas dezenas de monumentos megalíticos que atestam a ocupação deste território por comunidades que perpetuaram a sua memória através da construção de grandes túmulos que serviram de sepultura aos antepassados. O Centro Ciência Viva do Lousal, em colaboração com a Câmara Municipal de Grândola e a Junta de Freguesia de Azinheira de Barros e São Mamede do Sádão, tem desenvolvido um conjunto de iniciativas que visam a promoção e a salvaguarda deste vasto património megalítico, estabelecendo uma ponte entre o património geológico, mineiro e arqueológico da região.

## ABSTRACT

Lousal village, located in the Iberian Pyrite Belt, has an important industrial heritage associated with the mining work developed during the 20<sup>th</sup> century. Moreover, in this region, two dozens of megalithic monuments are known, attesting the occupation of this territory by communities that perpetuated its memory by building large burial tombs. The Ciência Viva Centre of Lousal, in collaboration with local authorities, has developed a set of initiatives aiming promotion and protection of the ancient heritage, establishing a link between Geology and Archaeology.

## 1. INTRODUÇÃO

A mina do Lousal (Concelho de Grândola) constitui, hoje, um exemplo de sucesso na reabilitação económica e social de uma mina abandonada da Faixa Piritosa Ibérica (Relvas, Pinto e Matos, 2012). Após o seu encerramento em 1988, a Câmara Municipal de Grândola e a antiga concessionária mineira SAPEC, através da Fundação Frédéric Velge, reuniram sinergias com o intuito de fomentar um desenvolvimento socioeconómico da aldeia do Lousal, concebendo um projeto integrado com a designação de RELOUSAL.

O sucesso alcançado tem passado, em grande medida, pela promoção do património geológico, arqueológico, industrial e mineiro como garante da perpetuação da memória e da identidade desta aldeia. Em 2012, o Centro Ciência Viva do Lousal, a Câmara Municipal de Grândola e a Junta de Freguesia de Azi-

nheira de Barros e São Mamede do Sádão iniciaram um projeto de valorização, salvaguarda e proteção do vasto património megalítico da região, estabelecendo uma ponte entre o património geológico, mineiro e arqueológico através do desenvolvimento de experiências lúdicas e pedagógicas sob o mote *Explorar Ciência, Extrair Conhecimento e Perpetuar Memórias*.

## 2. DO ESPAÇO FÍSICO AO ESPAÇO SOCIAL

A Faixa Piritosa Ibérica é uma das províncias metalogenéticas mais ricas do mundo em depósitos de sulfuretos polimetálicos (Oliveira *et al*, 2006). As mais antigas evidências de mineração remontam aos inícios do III Milénio A.N.E. (Nocete *et al*, 2011). É, contudo, durante o período romano que a mineração alcança grande dinamismo, ampliando, convertendo ou inaugurando novas minas, introduzindo novos métodos de lavra (poços e galerias)

e adotando complexos sistemas de escoamento de águas que permitiram a exploração das massas de minério localizadas a grandes profundidades. As principais áreas mineiras com exploração industrial, como por exemplo São Domingos, Aljustrel ou Caveira, apresentam inúmeras evidências de mineração e metalurgia romana, como poços, galerias, escoriais e materiais diversos que atestam a extensão destas atividades (Alarcão, 1988; Domergue, 1987; Matos *et al*, 2011).

A partir de meados do século XIX, assiste-se a uma verdadeira febre mineira para dar resposta à contínua industrialização do país. Importa mencionar que os primeiros direitos de exploração mineira em Aljustrel foram concedidos em 1847, em São Domingos a concessão data de 1858 e na Caveira a primeira concessão é de 1863 (Guimarães, 1996).

No que concerne à mina do Lousal, os testemunhos existentes, provavelmente de origem romana, resumem-se a uma galeria cortada transversalmente pela estrada de acesso ao complexo mineiro moderno e visível atualmente num talude. De época romana data também o denominado Castelo do Lousal, um conjunto fortificado com muralha e fosso situado a 1 km a norte da mina, implantado num esporão rochoso sobre a ribeira de Espinhaço de Cão e parcialmente amputado durante a construção do pilar sul da ponte ferroviária da Linha do Sul. Entre o material recolhido por Manuel Matheus (1895), contam-se algumas moedas, cerâmica de construção e de armazenamento e vestígios de escórias, demonstrando, deste modo, a vocação mineira e metalúrgica do sítio.

### 3. DO FUNDO DA MINA À ACTUALIDADE

O encerramento da mina do Lousal, em 1988, deixou uma pesada herança: uma paisagem deprimida, um tecido económico fragmentado, cicatrizes sociais insanáveis e um território degradado do ponto de vista ambiental (Rodrigues, 2005).

Menos de dez anos após o encerramento do couro mineiro, foi possível promover no Lousal um projeto de desenvolvimento integrado, capaz de reabilitar o tecido social e económico da região e promover a recuperação ambiental, dando ênfase às componentes museológica, cultural e turística. O Projeto RELOUSAL deu suporte a diferentes ações como a formação profissional de antigos trabalhadores, a valorização do património industrial e mineiro, a requalificação

do espaço urbano e a minimização do impacto ambiental resultante dos antigos trabalhos mineiros, investindo, paralelamente, na divulgação e promoção científica, patrimonial, cultural e turística da aldeia do Lousal (Matos e Oliveira, 2003)

Para a realização da parte cultural foi convidada a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) que se encarregou de desenvolver o Projecto de Musealização da mina do Lousal (Santos e Tinoco, 1998; Tinoco, Matos e Santos, 1998). O Museu Mineiro do Lousal, instalado na antiga central elétrica, foi desenhado para ser um dos polos de dinamização da aldeia, orientando a sua estratégia na componente Cultural, Científica e Pedagógica. Esta infraestrutura foi pensada para ser um espaço polinucleado, centrando o seu protagonismo no património edificado e na identidade partilhada por mineiros, trabalhadores e familiares. O programa expositivo foi direcionado essencialmente para três vertentes: a história geológica, a história mineira e a arqueologia e história do Lousal. Entretanto, a abertura ao público do *Centro Ciência Viva do Lousal – Mina de Ciência* em 2010, integrado na Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, constituiu um marco na divulgação, valorização e interpretação do património local. Este Centro, instalado na antiga casa do ponto, casa das lanternas, oficinas e balneários dos mineiros, está vocacionado para a temática dos georrecursos e privilegia a interatividade com o público através de módulos *hands on* (Matos e Relvas, 2006; Relvas, Pinto e Matos, 2012).

### 4. O PATRIMÓNIO MEGALÍTICO DO LOUSAL

As primeiras referências concretas à existência de monumentos megalíticos nesta região devem-se a Francisco António Pereira da Costa, distinto Geólogo da Comissão Geológica do Reino e Professor na Escola Politécnica, ao publicar, em 1868, um vasto *corpus* de antas e dólmenes de Portugal que havia apresentado um ano antes no Congresso de Antropologia e Arqueologia pré-histórica que decorreu em Paris (Costa, 1868). Nesta obra o autor descreve alguns monumentos da região do Lousal e Azinheira de Barros (Monte Branco, Panasqueira, Monte da Algeda 1 e Monte da Algeda 2) baseando-se, contudo, em informações orais sem nunca autenticar a sua veracidade. No que concerne aos casos do Monte da Algeda, as descrições reproduzidas por

Pereira da Costa deixam a hipótese de se tratar, na realidade, do monumento posteriormente intervenido por Octávio da Veiga Ferreira e Rodrigues Cavaco e denominado por anta da Pata do Cavalo (Ferreira e Cavaco, 1957).

Teremos que esperar até meados do século XX para encontrar novas referências ao património megalítico do Lousal. Em Abril de 1952, durante trabalhos de prospeção e sondagens do Serviço de Fomento Mineiro na zona, é detetado por António Rodrigues Cavaco, e ulteriormente escavado sob a direção de Octávio da Veiga Ferreira, o monumento megalítico do Lousal (Lousal 1) (Ferreira e Cavaco, 1952). Os mesmos autores publicam um novo trabalho em 1957 onde dão a conhecer outros monumentos na mesma zona (Lousal 2 e Lousal 3) e nas imediações da aldeia de Azinheira dos Barros (Monte das Boiças 1 ou anta da Pata do Cavalo, Monte das Boiças 2 e Monte das Boiças 3) (Ferreira e Cavaco, 1957).

Nos últimos anos têm vindo a ser identificados novos monumentos (Lousal 4, Lousal 5, Lousal 6 e Monte Serôdio), ampliando, ainda mais, a importância patrimonial e científica do megalitismo da região.

Atualmente, encontram-se inventariados doze monumentos megalíticos na região do Lousal e Azinheira de Barros, entre casos conhecidos e relocalizados, monumentos inéditos e outros dos quais apenas se dispõe informação bibliográfica (Figura 1). O fenómeno megalítico na região do Lousal distribui-se pelas faldas ocidentais da serra de Grândola, estruturado ao redor de uma paisagem de terrenos levemente ondulados que configuram um anfiteatro natural com ampla visibilidade para sul, dominando os terrenos da cobertura sedimentar do Sado, não sendo raro observar-se, desde alguns pontos, os relevos de Aljustrel e, no horizonte, a serra do Caldeirão. A sua distribuição geográfica permite vislumbrar a existência de duas concentrações que definem núcleos que aparentemente partilham laços territoriais e paisagísticos. As mais importantes ocorrências, em total de nove, registam-se a norte da aldeia do Lousal. Este núcleo, o mais extenso, define-se não só pela proximidade geográfica que os monumentos revelam como pela intervisibilidade que manifestam. Um outro núcleo, constituído por três sepulturas, localiza-se a noroeste e é formado pelos monumentos do Monte das Boiças, sendo a anta da Pata do Cavalo o único caso ainda conservado.

Neste conjunto sobressaem, pela sua singularidade tipológica assim como pelo espólio documentado

durante as intervenções arqueológicas, os monumentos do Lousal e a anta da Pata do Cavalo, ambos classificados em 1990 como Imóvel de Interesse Público através de Decreto n.º 29/90, Diário da República, I Série, n.º 163, de 17-07-1990.

As características do monumento do Lousal revelam um dos exemplos mais expressivos do megalitismo alentejano. Amiúde descrito ou mencionado erroneamente como monumento de falsa cúpula (*tholos*) (Silva e Soares, 2006), trata-se de um túmulo megalítico com uma arquitetura atípica, constituído por um corredor longo orientado a sudeste e câmara funerária de planta de tendência circular formada por sete esteios de grauvaque. Através da câmara funerária acede-se a um pequeno nicho ou câmara secundária, com planta de tendência oval. A câmara funerária seria encimada por um único esteio de grauvaque que ainda hoje se encontra nas imediações do monumento. Todo o conjunto seria coberto por um *tumulus* artificial do qual ainda restam vestígios em todo o perímetro. Durante a intervenção arqueológica foram recuperados vários artefactos que se encontram depositados no *Museu do Instituto Geológico e Mineiro* em Lisboa, entre os quais cabe destacar alguns recipientes de cerâmica de fabrico manual, um braçal de arqueiro em xisto, uma ponta de lança e um punção em cobre, sugerindo uma utilização tardia deste sepulcro já na segunda metade do III Milénio A.N.E. Porém, não é possível aferir se o espólio mencionado é coetâneo da construção ou corresponde a reutilizações ulteriores.

Por sua vez, a anta da Pata do Cavalo apresenta uma estrutura arquitetónica monumental, constituída por câmara e corredor, diferenciados em planta e alçado. A câmara funerária, formada atualmente por oito esteios (originalmente seriam nove), todos eles inclinados para o exterior, exibe planta de tendência subcircular com cerca de 4 m de diâmetro. O corredor é curto em relação à câmara e é formado por dois esteios de cada lado e um batente, encontrando-se orientado sensivelmente a este. Segundo O. da Veiga Ferreira e A. Rodrigues Cavaco, o monumento já tinha sido objeto de escavações clandestinas conservando-se, contudo, alguns contextos arqueológicos preservados junto aos esteios da câmara e no corredor. Entre o material exumado, destaque para a presença de alguns fragmentos de cerâmica, lâminas de sílex, calcário oolítico silicificado e xisto, e um fragmento proximal de placa de xisto com decoração geométrica e orifício de suspensão. As característi-

cas dos materiais, nomeadamente a presença de uma placa de xisto semelhante a outras identificadas em monumentos análogos no Sul de Portugal com datações por radiocarbono, sugerem uma cronologia de construção e utilização na transição do IV para o III Milénio A.N.E.

#### 4. CONTRIBUIÇÃO PARA A VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO MEGALÍTICO DO LOUSAL

O património megalítico do Lousal faz parte da matriz identitária do concelho de Grândola. São os testemunhos de uma herança milenar de comunidades que marcaram e monumentalizaram a paisagem que hoje se vislumbra. O passado e o presente têm elementos que os aproximam, e é no seio desta relação que devemos procurar a história destas comunidades. Desta forma, o facto de terem sido registados artefactos de cobre (um punção e uma ponta de seta) no monumento do Lousal permite estabelecer uma genealogia para as atividades mineiras da região.

Conscientes da importância estratégica do património arqueológico do Lousal, o Centro Ciência Viva do Lousal, em colaboração com a Câmara Municipal de Grândola e a Junta de Freguesia de Azinheira de Barros e São Mamede do Sádão, tem desenvolvido um conjunto de iniciativas que visam a valorização e salvaguarda dos monumentos megalíticos, convertendo este conjunto num complemento à oferta cultural e científica já disponível: Centro Ciência Viva, Museu Mineiro, Centro de Artesanato, Corta Mineira e Arqueologia Industrial (Matos e Oliveira, 2003; Matos, Pereira e Oliveira, 2010; Relvas, Pinto e Matos, 2012).

O razoável estado de conservação de um conjunto significativo de monumentos e o abandono científico e patrimonial a que estavam votados determinou a seleção de aqueles casos suscetíveis de serem alvo de iniciativas que permitissem a melhoria das condições de apresentação e, conseqüentemente, a sua correcta valorização. Neste sentido, foi desenhado um circuito arqueológico, denominado *Lousal GeoMegalítico*, em estrita articulação com as características geológicas e geomorfológicas da região (Figura 2). Durante o percurso, que poderá ser acompanhado por arqueólogos, geólogos e biólogos, convidam-se os visitantes a fazer uma viagem no tempo, observando algumas peculiaridades que emergem da interação com estes sepul-

ros e na observação da sua envolvente paisagística, explorando, paralelamente, a bio e a geodiversidade. Pretende-se, deste modo, empregar o conceito de interdisciplinaridade no seio de propostas lúdicas e pedagógicas direcionadas para diferentes públicos, estabelecendo uma ponte entre o património geológico, mineiro e arqueológico.

Porém, a valorização patrimonial do conjunto megalítico não seria possível sem a participação ativa da população local em todo o processo (Figura 3). Este esforço de sensibilização e tomada de consciência coletiva só é possível se os seus legítimos herdeiros, as gentes do Lousal, se converterem nos protagonistas deste processo de valorização e proteção patrimonial. Certo é que a população local tem dado um inestimável contributo na valorização dos monumentos megalíticos, bem como na sua inventariação, facto que permitiu a realocação de alguns casos que julgávamos destruídos e a identificação de outros inéditos.

No futuro, o património arqueológico local só poderá ser valorizado se este processo for potenciado pela informação procedente da investigação, integrando-a na cultura científica que prolifera ao redor do Lousal, onde vários organismos e universidades desenvolvem as suas pesquisas (ver Relvas, Pinto e Matos, 2012). Esta necessidade de conhecimento deve estar dirigida a proporcionar documentação capaz de providenciar dados empíricos para a sua correcta interpretação histórica, já que a informação recuperada durante os trabalhos de limpeza se revelou manifestamente insuficiente e os dados das escavações antigas carecem de rigor científico. Só conhecendo melhor as comunidades que construíram estes monumentos seremos capazes de perpetuar a sua memória.

#### AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer ao Centro Ciência Viva – Mina de Ciência, nas pessoas do seu Presidente, Jorge Relvas, Director, Álvaro Pinto, e colegas por todo apoio manifestado durante a realização deste trabalho, bem como os comentários e sugestões feitas ao presente texto. Os agradecimentos são ainda extensíveis a João Xavier Matos, geólogo do LNEG. Uma palavra de apreço à Câmara Municipal de Grândola e à Junta de Freguesia de Azinheira de Barros e São Mamede do Sádão pelas facilidades concedidas em prol da valorização do património megalítico do Lousal.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1988) – *O domínio romano em Portugal*. Publicações Europa-América, Mem Martins.
- COSTA, F. A. P. (1868) – *Notions sur l'état préhistorique de la terre et de l'homme suivies de la description de quelques dolmens ou antas du Portugal*. Imprensa da Academia Real das Ciências, Lisboa.
- DOMERGUE, C. (1987) – *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*. Serie Archeologie VIII, Madrid.
- FERREIRA, O. V., CAVACO, A. R. (1952) – O monumento pré-histórico do Lousal, Grândola. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. 33, pp. 247-255.
- FERREIRA, O. V., CAVACO, A. R. (1957) – Antiguidades do Lousal (Grândola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 15, pp. 190-202.
- GUIMARÃES, P. (1996) – O Alentejo e o Desenvolvimento Mineiro durante a Regeneração. *Mineração do Baixo Alentejo*, C. M. Castro Verde, pp. 114-129.
- MATHEUS, M. (1895) – Castello Velho do Loisal. *O Archeologo Português*, Série 1, Vol. 1, nº 9, pp.239-240.
- MATOS, J.X., OLIVEIRA, V. (2003) – Mina do Lousal (Faixa Piritosa Ibérica) – Percurso geológico e mineiro pelas cortas e galerias da antiga mina. *IGME, Publicaciones Museo Geominero*, nº2, pp. 117-128.
- MATOS, J.X., RELVAS, J. (2006) – Mina do Lousal (Faixa Piritosa Ibérica. *Livro Guia da Excursão C.4.1 VII Congresso de Geologia*, Universidade de Évora, pp. 23-25.
- MATOS, J.X., PEREIRA, Z., OLIVEIRA, J.T. (2010) – A Rota da Pirite, uma rede de sítios geológicos e mineiros dedicada ao património e história da Faixa Piritosa Ibérica. *VIII Congresso Nacional de Geologia. Revista Electrónica de Ciências da Terra*, Vol. 18, nº 18.
- MATOS, J.X., MARTINS, A., REGO, M., MATEUS, A., PINTO, A., FIGUEIRAS, J., SILVA, E. (2011) – Roman slag mine wastes distribution in the Portuguese sector of the Iberian Pyrite Belt. *Actas V Cong. Int. Minería y Metalurgia Históricas SW Europeo, León, Libro Homenaje a Claude Domergue*, Eds. J.M. Mata-Perelló, L.T. Iabat, M.N.F. Prieto, SEDPGYM Spain, pp. 563-572.
- NOCETE, F., SÁEZ, R., BAYONA, M.R., PERAMO, A., INACIO, N., ABRIL, D. (2011) – Direct chronometry (14C AMS) of the earliest copper metallurgy in the Guadalquivir Basin (Spain) during the Third millennium BC: First Regional Database. *Journal of Archaeological Science*, 38, pp. 3278-3295.
- OLIVEIRA, J.T., RELVAS, J., PEREIRA, Z., MATOS, J., ROSA, C., ROSA, D., MUNHÁ, J.M., JORGE, R., PINTO, A. (2006) – O Complexo Vulcano-Sedimentar da Faixa Piritosa: estratigrafia, vulcanismo, mineralizações associadas e evolução tectono-estratigráfica no contexto da Zona Sul Portuguesa. *Dias, R., Araújo, A., Terrinha, P., Kullberg, J.C. (eds.): Geologia de Portugal no contexto da Ibéria*. Universidade Évora, pp. 207-243.
- RELVAS, J., PINTO, A., MATOS, J. (2012) – Lousal, Portugal: a successful example of rehabilitation of a closed mine in the Iberian Pyrite Belt. *SGA News*, nº 31, pp. 6-16.
- RODRIGUES, P. (2005) – *Vidas na mina: memórias, percursos e identidades*. Celta Editores.
- SANTOS, L., TINOCO, A. (1998) – Um Projecto de Musealização para as Minas do Lousal. *Arqueologia & Industria*, nº 1, pp. 117-125.
- SILVA, C. T., SOARES, J. (2006) – *Territórios da Pré-História em Portugal. Setúbal e Alentejo Litoral*. ARKEOS 19, Tomar.
- TINOCO, A., MATOS, A.M.C., SANTOS, L. (1998) – Museu Mineiro do Lousal. Parte I – A musealização das minas do Lousal. *Actas do Seminário Museologia e Arqueologia Mineiras. Publicações do Museu do I.G.M.*, pp. 12-21.

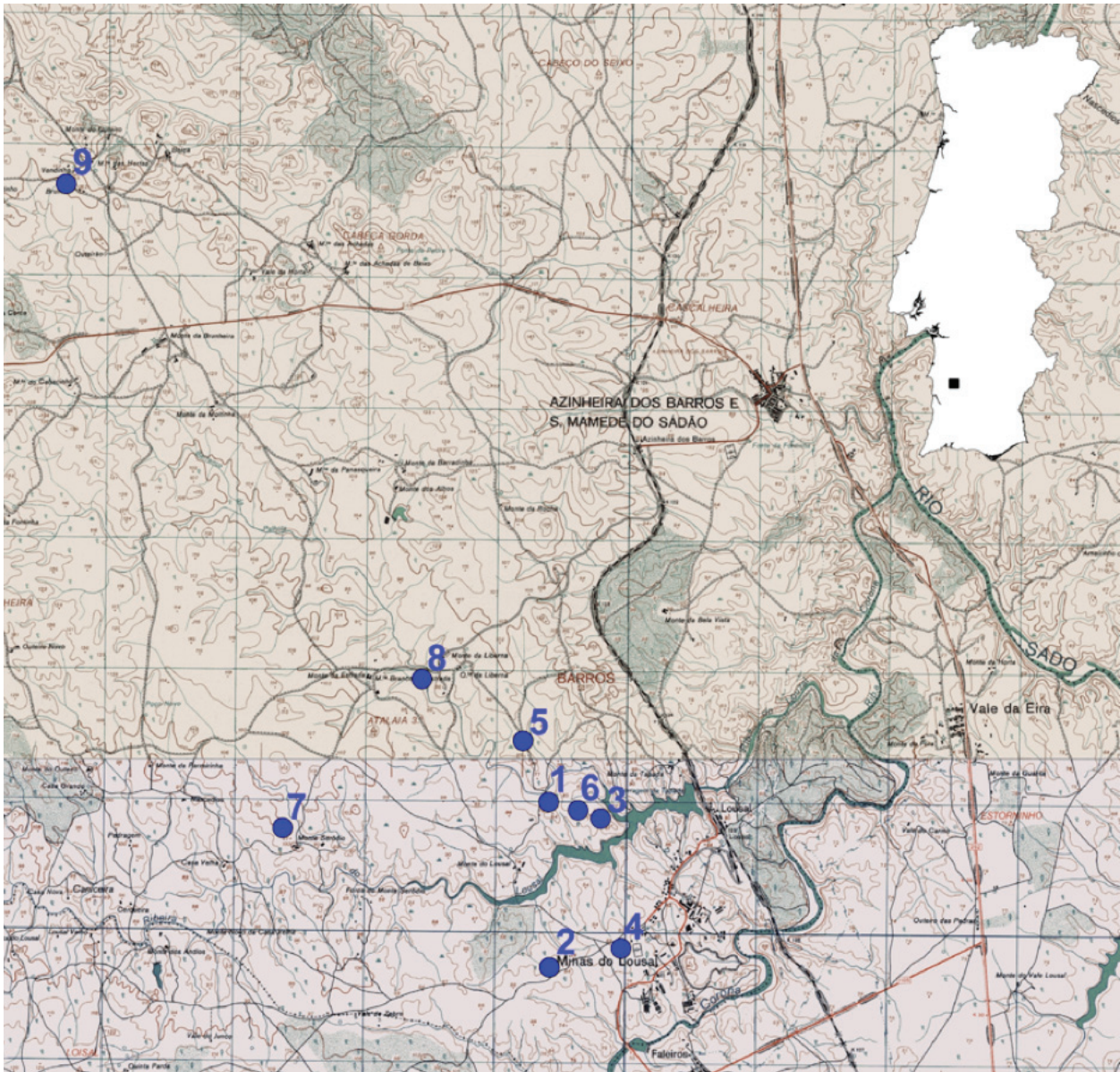


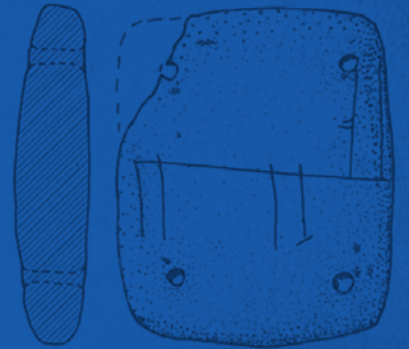
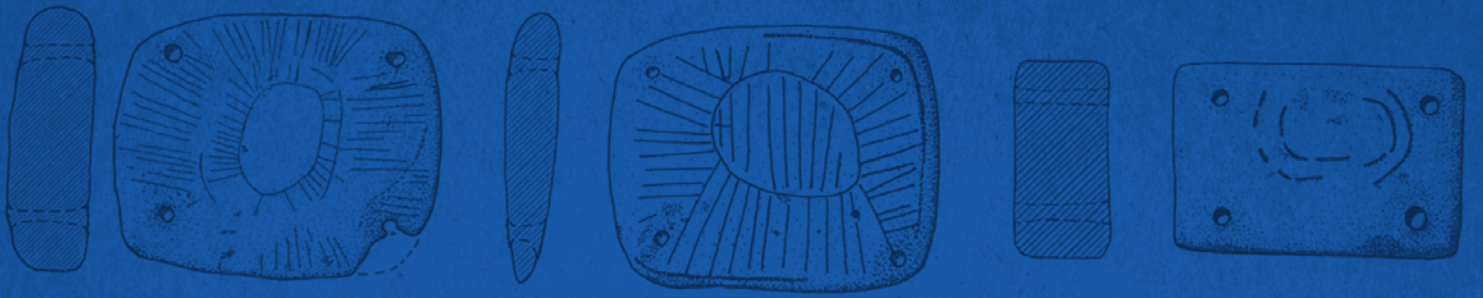
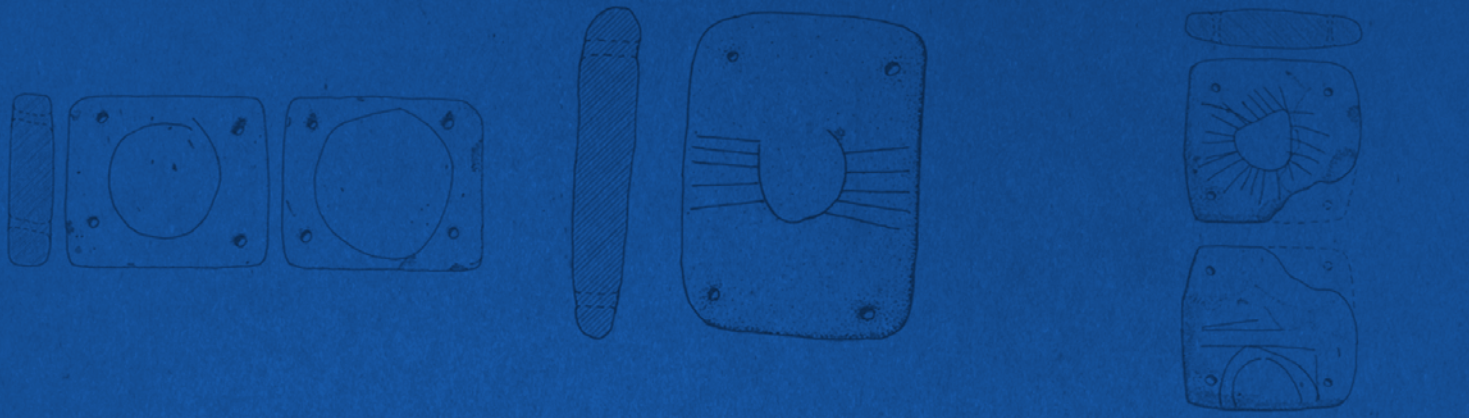
Figura 1 – Localização na Carta Militar de Portugal 1:25000 (CMP 507 e 518) dos monumentos conservados na região do Lousal e Azinheira de Barros. 1 – Lousal 1; 2 – Lousal 2; 3 – Lousal 3; 4 – Lousal 4; 5 – Lousal 5; 6 – Lousal 6; 7 – Monte Serôdio; 8 – Monte Branco; 9 – Pata do Cavalo.



Figura 2 – Percurso pedestre pelo circuito arqueológico: Lousal GeoMegalítico. Visita escolar ao monumento megalítico do Lousal (Lousal 1).



Figura 3 – Apresentação do projeto de valorização do património megalítico da região do Lousal à população local.

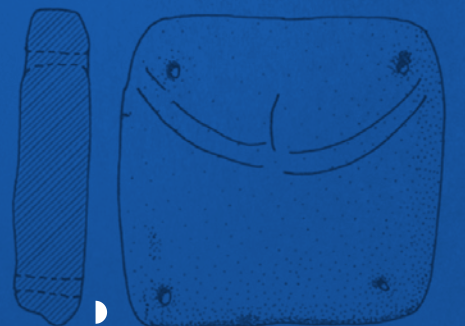


**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoio institucional



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua